

BARBARA LEIGH SMITH BODICHON (1827-1891)
UMA PIONEIRA DO FEMINISMO E A SUA GERAÇÃO

Filipa Vicente

A partir da biografia de Barbara Bodichon (1827-1891) escrita por Pam Hirsch, professora na Universidade de Cambridge e autora de numerosos trabalhos sobre mulheres escritoras do século XIX, este artigo percorre os mais importantes aspectos da vida de uma mulher que se destacou em inúmeras áreas. Bodichon esteve ligada a várias frentes do movimento feminista britânico da segunda metade do século XIX: o direito à educação em todos os graus académicos, da escolaridade primária à universidade; o direito à participação política; o direito ao trabalho e à independência económica e o direito ao uso da palavra oral e escrita e à criação artística. Barbara Bodichon foi também uma notável pintora, que se tornou conhecida pelas suas paisagens orientalistas, fruto de longos anos a viver na Argélia. Como artista, fez muito para que as mulheres pudessem ser aceites nas principais instituições de ensino de belas-arts e fossem expostas nos espaços predominantemente masculinos de galerias e museus.

O meu interesse por Barbara Bodichon começou por ser indirecto. Ela foi a melhor amiga da minha trisavó Bessie Rayner Parkes, e a memória dessa amizade foi passando de geração em geração até ser apenas “a amiga da Bessie que era pintora e feminista”. A biografia de Pam Hirsch¹, autora de muitos outros trabalhos sobre mulheres escritoras, veio acrescentar muito mais dados à memória algo esquecida do seu papel fundamental nos movimentos feministas britânicos da segunda metade do

¹ PAM HIRSCH, *Barbara Leigh Smith Bodichon (1827-1891). Feminist, Artist and Rebel*. Londres: Pimlico, 1999.

século XIX². Além de uma descrição da vida fascinante de Barbara Bodichon, o livro alarga o seu campo de investigação de uma forma que muito o enriquece: por um lado, aborda os principais debates sobre a participação de mulheres na educação, política, ou no mundo artístico da Grã-Bretanha da segunda metade do século XIX e, por outro, dá-nos muitas outras mini-biografias de mulheres “pioneiras” que pertenciam ao círculo de Barbara Bodichon e que se destacaram nas mais diversas áreas.

A história familiar de Barbara não era muito comum, e a sua peculiaridade terá contribuído sem dúvida para a liberdade que lhe permitiu fazer tanto uso da sua inteligência, criatividade e determinação. O pai, de uma família abastada, politizada e culta, apaixonou-se por uma mulher de origem humilde e, quando ela ficou grávida de Barbara, foram viver juntos mas por razões desconhecidas nunca se chegaram a casar. Passados 7 anos, Barbara e mais 4 irmãos, que tinham nascido entretanto, ficaram orfãos de uma mãe há muito doente. Este estigma social de ser fruto de um amor não legalizado marcou a sua vida de forma silenciosa, mas foi compensado pela afectividade do pai, figura decisiva na forma politizada com que Barbara aprendeu a ver o mundo. Além de incentivar a educação intelectual das filhas, sem as diferenciar daquela que facultava aos filhos homens, quando atingiram a idade de 21 anos, o pai tornou-os independentes economicamente. Este factor, aparentemente insignificante, colocou Barbara numa posição excepcional para uma mulher solteira da época e deu-lhe uma independência que se revelou determinante no seu percurso. Permitted-lhe fugir ao círculo vicioso e muitas vezes castrante de um casamento por razões económicas, para poder prosseguir os diversos caminhos que marcaram a sua vida. Quando se casou muito mais tarde, com um homem francês que lhe deu o apelido pelo qual ficou conhecida, Barbara era já uma mulher independente, madura e trabalhadora.

Com 21 anos, revelava bem a consciência da realidade muda à qual veio a dar voz de tantas formas: “Filósofos e reformadores têm geralmente manifestado temor a pronunciarem-se sobre as leis injustas, tanto da sociedade como do país, que oprimem as mulheres. Nunca houve uma tirania que fosse tão profundamente sentida e, pior ainda, sofrida de forma tão silenciosa. Mas agora espero que haja alguns a enfrentar este absurdo em nome da justiça para metade dos habitantes do mundo”. Nestes anos de aprendizagem, realizou uma grande viagem pela Europa

² Outras biografias de Barbara Bodichon são: Hester Burton, *Barbara Bodichon 1827-1891*. Londres: John Murray, 1949; Sheila Herstein, *A Mid-Victorian Feminist-Barbara Leigh Smith Bodichon*. New Haven, Londres: Yale University Press, 1985.

com a amiga Bessie Rayner Parkes, participou em grupos de leitura, e progrediu naquela que considerava ser a sua profissão – artista. Inseparável de todos os gestos e acções da sua vida era o interesse por tudo aquilo que dizia respeito à vida das mulheres. É nesta altura que começa a consolidar e a pôr em prática as suas crenças feministas, quer através da escrita de panfletos e de artigos, de campanhas políticas e recolha de assinaturas, mas também da criação de espaços institucionais onde as suas teorias se tornam visíveis.

Estas lutas não foram solitárias; pelo contrário, por todo o lado e nas mais diversas áreas, outras mulheres e homens faziam perguntas incómodas de forma cada vez mais persistente: porque é que as mulheres não podiam estudar na universidade, votar e ter participação política, ser médicas, ou entrar nas escolas de belas artes? E porque é que as mulheres perdiam o direito à propriedade após o casamento? Porque eram “as marginais do mundo” como as chamou Mary Wollstonecraft, que no século XVIII publicou livros pioneiros como *Vindication of the Rights of Woman* e *Wrongs of Woman*, e que constituiu um exemplo para Barbara e para a sua geração.

Antes de mais, havia uma profunda desigualdade legal entre homens e mulheres que era preciso denunciar. São as tais “leis injustas” que afectavam metade da população, e que Barbara abordou no seu artigo *Brief Summary of the Most Important Laws Concerning Women*, escrito em 1854. A criação de uma identidade legal para as mulheres que não se baseasse em critérios de exclusão era um ponto crucial e que afectava tudo o resto. As únicas leis que Barbara optou por não tratar eram aquelas relativas à prostituição, mas esta omissão é feita de forma consciente, numa estratégia pragmática de “mal menor” a que as feministas terão que recorrer noutras alturas. É que a inclusão de um tema como a prostituição afastaria muitos leitores para os quais este era um tema proibido. Assim, e ignorando os constrangimentos a que o discurso das mulheres estava sujeito, Barbara decidiu tratar o assunto individualmente, em artigos de jornal. Ao texto sobre a legislação respeitante às mulheres, seguiu-se uma petição ao parlamento, que se constituiu num dos gestos fundadores dos movimentos feministas organizados. Entre escrita e intervenção pública, a acção de Barbara e de outras pioneiras tomava formas distintas para atingir o mesmo objectivo.

Os dois temas fundamentais para a protagonista desta biografia eram o direito das mulheres à educação e ao trabalho³. Quanto a este último

³ Ellen Jordan, *The Women's Movement and Women's Employment in Nineteenth Century Britain*. Londres, Nova Iorque: Routledge, 1999.

aspecto, além das diferenças óbvias entre mulheres e homens, existiam profundas diferenças sociais: as mulheres pertencentes a classes baixas sempre tinham trabalhado, quer no espaço doméstico, na agricultura ou nos novos espaços criados pela revolução industrial. Apesar deste trabalho ser desvalorizado ou, quando exercido fora de casa, ser remunerado de forma desigual em relação ao trabalho masculino, as necessidades económicas justificavam o trabalho feminino. Mas, quando uma mulher pertencia a uma classe social mais elevada, e mesmo que passasse por privações económicas, uma série de barreiras escritas e não escritas impedia-lhe o acesso às profissões mais qualificadas. As suas possibilidades estavam bastante definidas: muitas destas mulheres trabalhavam no chamado trabalho filantrópico, suprimindo falhas na assistência social do Estado, mas qualquer tipo de remuneração monetária era socialmente condenável; outras, tinham alguns estudos que lhes permitiam exercer como professoras, mas a sua actividade era vista quase como uma extensão das funções maternas; e, por exemplo, quando se dedicavam a alguma actividade artística eram quase sempre consideradas amadoras.

O que caracteriza todas estas formas de trabalho, contra as quais as feministas lutaram, é essencialmente a falta de profissionalização. Como Bodichon escreveu no seu artigo *Women and Work*, publicado em 1857, todos os atributos de uma mulher considerada prendada, podem e devem ter espaço para se tornarem profissões, ou seja, aquela que tem “jeito” para o desenho pode tornar-se pintora, aquela que “até é bastante culta e conhece todos os clássicos” pode ser professora de literatura, e a que tem vocação para tratar dos outros, prática tão “feminina”, pode exercer como médica. Além desta questão de transformar aquilo que as mulheres já fazem, de forma doméstica e não remunerada, em profissão, Barbara também se questiona sobre o porquê da impossibilidade de uma mulher exercer uma profissão tida como masculina, como a política. Esta profissionalização também implicava um profundo abalo nos preconceitos que desqualificavam socialmente uma mulher que ganhasse dinheiro. Tratava-se de uma questão crucial para as feministas, que pertenciam quase todas elas às classes sociais onde esta ideia tinha mais força. Barbara teve, ainda, o cuidado de não omitir a importância do trabalho doméstico e da criação dos filhos, que, apesar de não remunerado, seria possível relacionar com o desenvolvimento económico da nação.

Educação e trabalho no seu sentido profissional eram inseparáveis: como não se esperava que as mulheres seguissem uma profissão, também não era preciso educá-las em demasia, apenas o suficiente para acompanhar uma conversa espirituosa e não aborrecer o marido – “a sua verdadeira profissão”. De facto, casamento e profissão eram actividades consi-

deradas incompatíveis para uma mulher de uma certa classe social, e Barbara também aborda este preconceito no seu artigo. Tal como refere, citando a sua amiga e companheira feminista Bessie, as mulheres não deviam fazer do amor a sua profissão. Além do mais, continua o artigo, se as mulheres querem formar uniões baseadas na igualdade devem trabalhar, pois “os casamentos mais felizes são aqueles entre duas pessoas que trabalham, um homem e uma mulher iguais em capacidades intelectuais e capacidade para amar.” Em 1857, estas frases aparentemente banais significavam um grande desafio à mentalidade dominante.

Bodichon usufruiu de uma educação muito superior à média, na medida em que o pai acreditava que as filhas deviam ter acesso às mesmas condições que os filhos. Mas, se estas práticas privadas muitas vezes subvertiam a norma, quando a educação passava para o domínio do público já não havia subversões possíveis. Ou seja, quando atingiu uma certa idade, Ben, irmão de Barbara continuou a estudar na Universidade de Cambridge, mas Barbara não pôde segui-lo porque era mulher. Este acontecimento da sua juventude deve-lhe ter suscitado muitas perguntas em relação a normas pouco questionadas. Muito mais tarde, veio a confessar que desde que o irmão foi para Cambridge “sempre tive a intenção de estabelecer uma universidade onde as mulheres pudessem ter a mesma educação que os homens se assim o desejassem”. E, já no fim da vida, cumpre a sua intenção, ao ser uma das líderes do movimento para a criação da primeira universidade para mulheres na Grã-Bretanha que se veio a chamar *Girton College*⁴.

O interesse de Barbara pela educação, sobretudo das mulheres, fez com que ainda muito jovem se tenha decidido a criar uma escola para pôr em prática as suas ideias – a *Portman Hall School*. E fê-lo, quer tentanto dignificar e profissionalizar a função das professoras, quer mudando o habitual perfil dos alunos. Além de juntar rapazes e raparigas, algo que só acontecia em escolas com crianças das classes trabalhadoras, Barbara promovia a mistura de classes sociais na mesma sala de aula. A escola, que era secular, também encorajava o desenvolvimento da sensibilidade estética através de visitas a museus e galerias de arte. Estas teorias educacionais devem ser vistas no contexto mais amplo que, em meados do século XIX na Grã-Bretanha, assistiu à criação de escolas com muitas ideias inovadoras. A originalidade de Barbara Bodichon está no ênfase dado às mulheres, enquanto a maior parte destes debates sobre educação

⁴ Pam Hirsch, “Barbara Leigh Smith Bodichon”, in *Practical Visionaries: Women, Education, and Social Progress, 1790-1930*, ed. Mary Hilton e Pam Hirsch. Nova Iorque: Longman, 2000, pp. 84-100.

se centrava na necessidade de educar os mais pobres. De qualquer forma, há que ter em conta que a forte politização de questões como o acesso das classes mais baixas à representação política ou à educação, que constitui o tema de muitos reformistas da época, está associada a debates sobre discriminações de género.

Quanto aos seus próprios estudos, Barbara empenha-se naquela que considera ser a sua profissão, a de artista. Inscreve-se num denominado *Ladies's College*, onde desenvolve a sua técnica, e o interesse pelos paisagistas ingleses, e com 23 anos passa do espaço privado para o público ao expôr pela primeira vez duas telas nas salas da Royal Academy de Londres. O seu nome está associado tanto aos pré-rafaelitas, porque com alguns deles partilhou amizade e fundou grupos artísticos, como ao estilo orientalista, por motivos relacionados com a sua vida privada. De facto, em 1856, Barbara foi passar o Inverno à Argélia juntamente com o pai e as duas irmãs. Mas, se as viagens de nórdicos à procura do exotismo das paisagens e personagens orientalistas não eram nada de estranho para a época, o que era menos comum foi o que aconteceu: Barbara apaixonou-se por um médico francês conhecido pela sua excentricidade e que vivia na Argélia desde há bastante tempo. Apesar das reacções de alguns familiares e amigos contra este “estranho estrangeiro”, ambos levaram avante o seu casamento tardio que lhes proporcionou uma vida de invernos argelinos e Verões londrinos. As muitas vidas de Barbara passaram a estar mais divididas do ponto de vista geográfico. Na Argélia, ela é essencialmente a artista que pinta o suficiente para exhibir, ao longo da vida, 150 quadros orientalistas. Nos meses que lá passa por ano continua a escrever artigos sobre temas feministas e a publicá-los em Inglaterra, mas, não sabendo a língua e longe da realidade vivida num país tão distinto do seu e já conhecido na idade adulta, não se empenha politicamente, da mesma forma que o faz nos meses em que vive em Londres. Apesar de nos primeiros anos a estadia na Argélia significar tempo para pintar e escrever, Barbara sofre progressivamente com o isolamento intelectual a que não estava habituada, e o casal passa cada vez mais tempo na Grã-Bretanha.

Em 1857, ano do seu casamento, Barbara organizou uma campanha feminista juntamente com outras mulheres pintoras, para criar um espaço físico e institucional onde as mulheres artistas pudessem expôr e vender o seu trabalho⁵. A *Society of Female Artists* foi a solução encontrada para a

⁵ *The Society of Women Artists' Exhibitions 1856-1996. A Dictionary of Artists and Their Works in the Annual Exhibitions of The Society of Women Artists*, 4 vols., ed. Charles Baile de Laperrière et al. (Calne: Hilmarton Manor Press, 1996).

persistente discriminação a que as mulheres estavam sujeitas pelas instituições mais consagradas como a Royal Academy, onde podiam chegar a expôr, mas não podiam estudar. Dois anos depois, 39 mulheres artistas, entre as quais Barbara, assinaram uma petição dirigida à Royal Academy onde se solicitava o direito a aceder à sua prestigiada escola de Belas Artes. E a resposta negativa vem mascarada com um problema logístico de falta de espaço para duas salas separadas, uma masculina e outra feminina, para desenho de nú. Mais complicado para os responsáveis da Royal Academy foi ter que lidar com o gesto de Laura Herford, uma das 39 assinantes. Esta submeteu o seu trabalho como exame de entrada na escola de belas artes mas substituindo o "Laura" por uma inicial assexuada. Assim, a Royal Academy aceitou entre os seus estudantes "A.L. Herford" e, ao ser confrontada com a injustificável natureza das suas regras, acabou por ceder. Este caso, recorda o nome de George Eliot, um exemplo entre as mulheres que acedem a espaços masculinos e neles se destacam graças a terem eliminado sinais da sua identidade sexual, neste caso, o nome. Marian Evans, que era também uma grande amiga de Barbara e de Bessie, começou por publicar contos anónimos. Quando escreveu o primeiro livro, *Adam Bede* e o enviou para publicação, decidiu assinar George Eliot, para que, e nas palavras do seu companheiro George Lewes numa carta dirigida a Barbara Bodichon: "o livro fosse julgado pelo seu próprio mérito, e não sujeito ao preconceito de ser o trabalho de uma mulher. (...) Era certo que as pessoas teriam menosprezado o livro se tivessem sabido que o escritor não era um homem, mas agora já não podem desdizer a sua admiração." Ao longo de toda a vida, Barbara conjugou a criação artística com os seus muitos outros interesses, e hoje o seu nome aparece em quase todos os textos sobre mulheres artistas do século XIX. No entanto, Barbara Bodichon, como muitas outras pintoras, escultoras e fotógrafas que se começaram a profissionalizar nesta altura foram esquecidas pelos estranhos silêncios da História, e só recentemente têm sido recuperadas pela historiografia de arte britânica e norte-americana⁶.

⁶ Linda Nochlin e Ann Sutherland Harris, *Women Artists 1550-1950*. Los Angeles, Nova Iorque: Los Angeles County Museum, Random House, 1976; Charlotte Yeldham, *Women Artists in Nineteenth-century France and England: their art education, exhibition opportunities and membership of exhibiting societies and academies, with an assessment of the subject matter of their work and summary biographies*, 2 vols. Nova Iorque: Garland, 1984; Whitney Chadwick, *Women, Art and Society* Londres: Thames and Hudson, 1994; V.T. Garb, *Sisters of the Brush: Women's Artistic Culture in Late-Nineteenth-Century*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1994; Deborah Cherry, *Painting Women. Victorian Women Artists*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1995; Pam Hirsch, "Barbara Leigh Smith Bodichon, Artist and Activist", in *Women in the Victorian Art World*, ed. Clarissa Campbell. Manchester, Nova Iorque: Manchester University Press, 1995, pp. 167-186.

Logo após o casamento, Barbara e Eugène partem para uma viagem pelos Estados Unidos da América durante um ano⁷. A actividade principal de Barbara continua a ser a pintura de paisagem ao ar livre, mas na América ela consegue envolver-se politicamente de uma forma que na Argélia nunca conseguiria. Por um lado, admira o sistema político americano e as liberdades que a lei outorga aos cidadãos e que ela considera progressistas em relação à Grã-Bretanha; mas, por outro, revolta-se com a situação dos escravos, com a qual toma um contacto directo durante a sua permanência no sul do país. Os movimentos anti-escravatura, ou abolicionistas, que estavam bastante desenvolvidos e contavam com cada vez mais participantes, surgem muitas vezes associados a movimentos a favor dos direitos das mulheres⁸. Naturalmente, sendo estas duas questões de direitos humanos, muitas pessoas que se interessavam por um tema também se interessavam pelo outro. Este caso, ilustra um fenómeno mais amplo em que cada vez mais a questão dos direitos das mulheres se cruza com muitos outros grupos, mais ou menos organizados, de reflexão e de luta pela dignidade do ser humano. Bodichon escreve vários artigos sobre a escravatura, onde se tornam evidentes os paralelismos entre discriminação racial e de género.

Outro empreendimento iniciado com Bessie Rayner Parkes foi a criação de um jornal com assuntos relacionados com mulheres e de um espaço de encontro em Londres, inspirado nos clubes masculinos ingleses, que ficou conhecido como o *Langham Place Circle*⁹. Como, nesta época, Barbara vivia mais na Argélia do que na Grã-Bretanha, foi Bessie a principal criadora e editora do *English Woman's Journal*, enquanto Barbara era a accionista maioritária, colaborando com inúmeros artigos. O jornal, cujo primeiro número data de 1858, era bastante mais do que um mero periódico: a sua sede funcionava como ponto de encontro, com sala de leitura, com livros e jornais, como centro de emprego e debate de ideias. E o jornal, com os seus artigos feministas e com as suas páginas para os leitores exporem as suas opiniões, fomentou a comunicação entre pessoas que estavam espalhadas pelo país e contribuiu para a organização de movimentos a favor dos direitos das mulheres. Num gesto inédito, Bessie achou que além de escrever para o jornal, as mulheres podiam estar

⁷ Barbara Leigh Bodichon, *An American Diary 1857-8*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1972.

⁸ Julie Roy Jeffrey, *The Great Silent Army of Abolitionism: Ordinary Women in the Antislavery Movement*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1998.

⁹ Candida Ann Lacey, *Barbara Leigh Smith Bodichon and the Langham Place Group*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1987.

envolvidas no próprio processo tipográfico. Comprou uma pequena editora e tipografia e contratou um impressor para ensinar 5 aprendizas, que formaram o núcleo da *Victoria Press*, a primeira editora feita por mulheres. Apesar de uma grande hostilidade por parte de alguns colegas masculinos, a editora suscitou bastante curiosidade. Mais tarde, o jornal começou a perder as características que lhe tinham dado a força inicial, Bessie e Barbara divergiram nalguns aspectos do seu perfil, e acabou por ser vendido. Porém, os grupos formais e informais que se tinham criado a partir do *English Woman's Journal* continuaram a funcionar sob diversas formas.

Barbara interessou-se também pela saúde. Curiosamente, Florence Nightingale, a mulher que modernizou a enfermagem e a tornou numa profissão aceitável para mulheres, era sua prima. Elizabeth Blackwell, outra figura do círculo de Barbara (pois era prima de Bessie), fez com que Barbara também fosse pioneira no mundo da medicina. Elizabeth era uma inglesa que tinha vivido nos Estados Unidos, onde tinha conseguido entrar num curso de medicina, sendo a única mulher entre 150 alunos. De regresso a Inglaterra, onde a medicina era uma profissão proibida às mulheres, Elizabeth conseguiu um estágio de um ano num hospital londrino com acesso a todos os departamentos, menos ao das "doenças femininas". Mas, vendo coartadas as possibilidades de exercer de forma total a sua profissão, regressou aos Estados Unidos onde fundou uma enfermaria para mulheres e crianças na qual só trabalhavam mulheres. Tudo isto, apesar das tentativas de Bodichon para que ela ficasse no seu país a tentar lutar pela abertura da profissão às mulheres. Só mais tarde, e talvez devido à pressão de Barbara, é que Elizabeth regressou para abrir um consultório em Londres e, em 1871, as duas mulheres, juntamente com outras, fundaram a *National Health Society*, com ideias inovadoras acerca da prevenção na saúde. O livro de Pam Hirsch está povoado de estas histórias paralelas de mulheres fascinantes que de uma ou outra forma entraram em contacto com Barbara Bodichon.

Naturalmente, Barbara também esteve envolvida na questão do direito ao voto das mulheres, ou movimentos de sufragistas, que lutaram pelo alargamento da noção restrita de "sufrágio universal"¹⁰. As acções políticas e os escritos de John Stuart Mill serviram de ligação entre as ideias do grupo de mulheres e os espaços de poder que as podiam pôr em prática, ao mesmo tempo que contribuíram, com a sua "autoridade

¹⁰ Constance Rover, *Women's Suffrage and Party Politics in Britain 1866—1914*. Londres: Routledge, 1967; Jane Rendall, ed., *Equal or Different: Women's Politics 1800-1914*. Oxford, Nova Iorque: Basil Blackwell, 1987.

masculina”, para que o assunto fosse pensado seriamente (e mesmo assim, as suas propostas deparavam-se frequentemente com comentários jocosos). Em 1866, Mill apresentou ao Parlamento inglês a petição de “Barbara L. S. Bodichon e outras” contendo 1499 assinaturas de mulheres, recolhidas em menos de um mês. Um ano depois, outras duas petições são apresentadas ao Parlamento, desta vez incluindo muitos homens e somando mais de 6.000 assinaturas. Mill propõe ainda que, numa lei acerca da representação do povo, se substitua a palavra “homem” pela palavra “pessoa”, mostrando assim como, já na altura, se tinha consciência da importância das palavras nas questões de representação, e da forma como o significado das palavras depende dos seus usos sociais e culturais. Ou seja, num “povo” em que os votantes com implicações na representação política são apenas homens, a palavra usada é “homem”, mas a partir do momento em que surgem pressões de várias frentes para alargar a base dessa representação, então, “homem” já não serve enquanto significado para “povo” (apesar da proposta ter sido chumbada por maioria de 123 votos, os 79 votos a favor foram considerados como um sinal encorajador). Estes gestos são apenas alguns dos muitos que ainda haveria que realizar para que o direito ao voto não estivesse dependente do género. Barbara morreu em 1897 e só passados quase trinta anos é que esse sonho das pioneiras se vê realizado na Grã-Bretanha.

A última batalha da vida de Barbara, uma que esteve presente durante toda a sua vida e que de alguma forma representa o culminar das suas ideias, é a do acesso das mulheres à universidade¹¹. Tudo começa precisamente com uma mulher chamada Lizzie Garrett que é a primeira mulher a candidatar-se à Faculdade de Medicina da Universidade de Londres. Em 1862, um grupo de mulheres, entre as quais se encontra Barbara cria um *Committee for Obtaining Admission of Women to University Examinations in Art & Medicine* para apoiar a candidatura de Lizzie. Este caso circunscrito esteve na origem de um amplo movimento para a abertura da educação superior às mulheres, o qual seria liderado pela *Reform Firm*, o nome do grupo de mulheres que lutavam por reformar a sociedade de forma a que as mulheres tivessem igualdade de oportunidades e de direitos, e que se tinha formado a partir do *English Woman's Journal*. Como afirma Pam Hirsch, é difícil acompanhar todos os passos de um movimento com estas características que, tal como muitos outros

¹¹ M. C. Bradbrook, *“That Infidel Place”: a short history of Girton College, 1869-1969*. Londres: Chatto & Windus, 1969; Barbara Stephen, *Emily Davies and Girton College*. Westport, Conn.: Hyperion Press, 1976; Carol Dyhouse, *No Distinction of Sex?: Women in British Universities, 1870-1939*. Berkeley: University of California Press, 1995.

onde Barbara se envolveu, são feitos de avanços e recuos, vitórias e derrotas, incompatibilidades nas formas de alcançar determinados objectivos, e acções mais ou menos organizadas.

O ano de 1862 é também o ano em que Emily Davies, um elemento importante na *Reform Firm*, escreve informalmente às universidades de Cambridge e de Oxford para perguntar se as mulheres se poderiam apresentar nos exames de admissão. A resposta de Oxford é um não incondicional, mas Cambridge responde que teoricamente não havia impeditivo. Um comité apresenta uma petição oficial à universidade que, em 1865, abre formalmente a entrada ao sexo feminino, mas na prática só em 1891 é que se admitem mulheres para os exames de entrada na licenciatura (sem lhes conceder o título de licenciadas). Quando no princípio da década de 1860, ainda subsistiam tantas barreiras à entrada de mulheres nas universidades já existentes, Davies decide criar uma nova comissão, desta vez para formar uma universidade para mulheres que, mais tarde e quando já estabelecida, se esperava que fosse integrada como um dos *colleges* da universidade de Cambridge ou de Londres. Ao angariar pessoas para este novo grupo, Emily Davies tem uma clara estratégia de demarcação em relação a movimentos feministas onde ela própria estivera envolvida. Sabendo que a palavra “feminismo” assustava muitos homens e também mulheres, Davies deu à comissão um carácter educacional e quase filantrópico, de acordo com os debates sociais e culturais da época. Em 1869, a faculdade abriu com 18 alunas, e neste mesmo ano, Bodichon escreveu que, apesar de não concordar com muitos aspectos da educação em Cambridge, como o fazia Emily, esperava que as mulheres viessem a estar associadas com a prestigiada universidade. Escreveu também que, quando leu *As Cartas de Mozart*, se questionou acerca da possível carreira da irmã de Mozart, se lhe tivessem sido dadas as mesmas condições. Curiosamente, esta ideia antecede a tão citada frase de Virginia Woolf acerca da “irmã de Shakespeare”.

Num processo caracterizado pela sua lentidão, a faculdade para mulheres só adquiriu a sua existência legal com o nome de *Girton College* em 1872 (onde Virginia Woolf veio a proferir as conferências que integram *A Room of One's Own*). Mas, se havia muitas pessoas a favor, ainda havia muitas contra. Era o que acontecia com o médico que afirmava, do alto da sua autoridade científica, que demasiado trabalho intelectual tornaria as mulheres incapazes de procriar. No fim da década de 70, e já depois da morte do marido, Bodichon teve o primeiro derrame cerebral, sendo obrigada a abrandar o ritmo intenso de actividades. Mas, tendo morrido em 1891, acompanhou de perto o crescimento do *Girton*, onde parte da sua memória está hoje arquivada, sob a forma de cartas e papéis.

Bodichon ficou também ligada à universidade através de Sarah Phoebe Marks, uma jovem com poucos recursos, que ela apoiou economicamente durante os seus estudos no *Girton College*. Esta jovem que, nas palavras de Pam Hirsch, “foi a filha que Barbara nunca teve”, veio a ser uma física famosa, e deu à filha o nome de Barbara Bodichon. Esta segunda Barbara herdou mais do que o nome, porque veio a ser uma sufragista, chegando a ser presa numa manifestação a favor do voto feminino, e em 1945 foi eleita como membro do Parlamento inglês. Entretanto, só em 1921 é que a Universidade de Cambridge outorgou o título de licenciada a uma mulher que completasse um dos seus cursos (até aí podiam frequentá-los mas não lhes era concedido o título). E só no ano de 1948 é que as mulheres passaram a pertencer, de pleno direito, à mesma Universidade.

Hoje em dia, se nalguns lugares do mundo as mulheres continuam a não poder entrar na universidade, em muitos países as universidades têm mais alunas do que alunos. Ao assistir a este fenómeno, é oportuno lembrarmo-nos do papel desempenhado por Bodichon, e por muitas outras mulheres e homens de que nos fala Pam Hirsch na sua fascinante biografia de uma mulher e de invocação de um movimento. Histórias de vidas como esta mostram-nos a fragilidade de ideias tão repetidas a propósito da discriminação em relação às mulheres: “havemos de lá chegar”, “é uma questão de tempo” ou “há-de acontecer naturalmente”. Ao mesmo tempo, este tipo de argumentos parte do pressuposto que a História é feita de caminhos inevitáveis alheios à intervenção do seus protagonistas, caindo assim na ilusão de que as coisas mudam por si próprias, e que gradualmente as injustiças deixam de o ser. Se Barbara Bodichon e as outras pioneiras com quem partilhou muitas acções feministas pensassem assim, talvez a ideia de que as mulheres pudessem ter acesso a algo tão extraordinário como uma mesa de voto ou um lugar na universidade fosse ainda muito longínqua nos nossos dias.

Filipa Vicente (Lisboa, 1972) licenciou-se em História, variante de História de Arte, pela Universidade Nova de Lisboa. Realizou, no ano lectivo de 1994-1995, uma pós-graduação em história da arte contemporânea na Universidade de Londres (Goldsmiths College). Em 1997 obteve o grau de MPhil e, em 2000, doutorou-se pela mesma universidade com uma tese intitulada “The Grand Tours of a Nineteenth Century Prince: Travelling, Writing, Classifying” (versão portuguesa no prelo, Lisboa, Gótica, 2002). Neste momento, como bolseira da Fundação Oriente, prepara um livro sobre a cultura visual da Índia Portuguesa (séculos XIX e XX).